

A BATALHA DE EL ALAMEIN Por Reinaldo V. Theodoro



PRÓLOGO

Duas batalhas são geralmente consideradas como "ponto de inflexão" da 2ª Guerra Mundial, batalhas em que a maré de conquistas alemãs deteve-se definitivamente e de então em diante as vitórias passaram a sorrir para as potências aliadas. A primeira é El Alamein, onde o Afrika Korps do legendário General Erwin Rommel (a "Raposa do Deserto") foi derrotado após uma das mais violentas batalhas que teve a África do Norte como palco, afastando para sempre a ameaça que pairava sobre o Egito e os campos petrolíferos do Oriente Médio. A segunda, cronologicamente, é Stalingrado.

De fato não houve apenas uma batalha de El Alamein, mas uma série de três confrontos em torno da última barreira defensiva antes do coração do Egito. A primeira ficou conhecida como "1ª Batalha de El Alamein"; a segunda foi a "Batalha de Alam Halfa" e a terceira e última, a "2ª Batalha de El Alamein", à qual normalmente é referido quando se fala genericamente em "Batalha de El Alamein". Nessa matéria, falaremos um pouco dessas batalhas, tão cheias de importância histórica e de informações interessantes para aficionados em militar e plastimodelismo.

A 1ª BATALHA DE EL ALAMEIN

O 8º Exército havia sido novamente derrotado e recuava. A Batalha de Gazala, que havia começado com superioridade numérica britânica em homens, tanques e artilharia, acabara em desastre: haviam perdido mais de 700 tanques e ainda o estratégico porto de Tobruk, onde a 2ª Divisão de Infantaria sul-africana reforçada (mais de 33.000 homens) havia caído prisioneira. A porta para o Egito estava aberta e parecia que os alemães em breve entrariam no Cairo e em Alexandria (de onde a esquadra britânica foi evacuada). Benito Mussolini, ditador italiano, viajou para a Líbia, levando consigo um cavalo branco com o qual pretendia desfilar pelas ruas do Cairo, como o novo Imperador do Egito.

O Comandante-em-Chefe britânico, General Sir Claude Auchinleck, decidiu tomar pessoalmente o comando do desmoralizado 8º Exército. Seu combatido exército recuou para Mersa Matruh, de onde, após uma curta batalha, recuou novamente para uma linha de cristas a apenas 113 quilômetros de Alexandria, cujo ponto de referência era uma estação ferroviária junto à costa: El Alamein. De Norte a Sul, a linha tinha 60 quilômetros e era limitada, ao Norte, pelo Mediterrâneo e, ao Sul,

pelo intransponível pântano salgado chamado "Depressão de Qattara". Auchinleck não tinha forças para manter uma linha contínua e optou por pontos fortificados apoiados por forças móveis.



General Sir Claude Auchinleck

Rommel sentiu que havia uma chance de penetrar nessa linha e investir para o Norte, fazendo os defensores recuarem mais uma vez, abrindo caminho para Alexandria, o Cairo e os campos petrolíferos. Mas a situação então mudara muito. Ambos os contendores estavam esgotados, mas os britânicos estavam agora muito mais perto de suas bases e recebiam reforços continuamente. Os alemães, ao contrário, estavam a mais de 1.900 quilômetros de sua base em Trípoli e só tinham um punhado de tanques e poucos milhares de esgotados soldados.



General Erwin Rommel

Rommel atacou a 01/07/42, com a 90ª Divisão Ligeira pela estrada costeira e a 21ª Divisão Panzer pelo flanco do deserto. A 21ª acabou se pe-

gando com a recém-chegada 18ª Brigada indiana em Deir el Shein, que defendeu-se tenazmente mas acabou aniquilada. Durante três dias o assalto alemão persistiu, mas sem conseguir nenhum resultado significativo. No dia 03/07/42, a 2ª Divisão neozelandesa realizou um ataque contra a divisão italiana Ariete que resultou na captura de 400 prisioneiros e de quase todos os seus canhões. Pouco depois, a 1ª Divisão Blindada britânica expulsou a 15ª Divisão Panzer da crista de Ruweisat. A infantaria italiana começou a ocupar a linha, permitindo a retirada, descanso e concentração do Afrika Korps, visando a mais uma tentativa de ruptura da linha britânica. No dia 09/07/42, os neozelandeses abandonaram Bab el Qattara e Rommel, erroneamente, interpretou isso como o início de uma retirada e avançou com a 21ª Divisão Panzer e elementos da recém-chegada Divisão Blindada italiana Littorio.



Tanque Médio M13/40, principal blindado italiano ao tempo de El Alamein. Com seu canhão de 47 mm e blindagem máxima de 40 mm, era desespeadamente inferior aos tanques britânicos.

Porém, o recuo dos neozelandeses atendeu a necessidades táticas e nada teve a ver com uma retirada. Muito pelo contrário. Já a 10/07/42, Auchinleck começou uma série de ataques contra a infantaria italiana. A 9ª Divisão australiana destruiu a Divisão Sabratha e causou estragos à Trieste, atraindo novamente os alemães para a batalha. A 13/07/42, Rommel tenta novo ataque, facilmente detido pelos sul-africanos. A 14/07/42, a 5ª Brigada Indiana acertou rude golpe na Divisão Pavia, enquanto a 2ª Divisão Neozelandesa pegava a Brescia. Apesar do estrago causado às duas divisões italianas, o 8º Regimento Panzer contra-atacou furiosamente, desbaratou o ataque neozelandês e fez 1.200 prisioneiros, retomando a Cota 63. A 17/07/42, os australianos novamente

aplicaram dolorosa surra nas divisões Trento e Trieste, fazendo muitos prisioneiros.

Pelo final do mês, Auchinleck continuava decidido a esfolar o Afrika Korps assim enfraquecido e, a 22/07/42, lançou a 23ª Brigada de Tanques, novinha em folha, equipada com o novo tanque Valentine. Foi um massacre. Cerca de 140 tanques foram destruídos num ataque marcado pela coragem (ou temeridade) dos seus tripulantes. Mas, enquanto os britânicos podiam se dar ao luxo de sofrer tais baixas, o Eixo estava então absolutamente sem reservas.

Embora ainda houvesse combates nos dias subsequentes, a 1ª Batalha de El Alamein estava praticamente encerrada. Rommel fracassara em penetrar até Alexandria e Auchinleck, embora conseguisse deter Rommel, falhara em destruir o desmazelado Afrika Korps.

O 8º EXÉRCITO TEM NOVO COMANDANTE

O suicídio da 23ª Brigada foi a gota d'água para Winston Churchill, Primeiro-Ministro britânico, que decidiu ser a hora de um novo comandante assumir o 8º Exército. A 08/08/42, Auchinleck foi substituído pelo General Harold Alexander como Comandante-em-Chefe do teatro de operações e pelo General Bernard Law Montgomery como comandante do 8º Exército (Auchinleck então acumulava as duas funções).



General Bernard L. Montgomery.

Montgomery imediatamente se empenhou em melhorar o moral e criar um novo exército em torno de um Corps de Chasse potente em blindados (o 10º Corpo do veterano Major-General Herbert Lumsden, que recebeu três divisões blindadas 1ª, 8ª e 10ª). Montgomery também trouxe novos generais Brian Horrocks para o 13º Corpo e Sir Oliver Leese para o 30º, além de Frederick

de Guingand como novo Chefe de Estado-Maior do 8º Exército.

Também mudara o Q.G. do 8º Exército para perto do Q.G. da Força Aérea do Deserto, procurando com isso tornar mais íntimas as relações entre o Exército e a Força Aérea. Emitiu ordens de proibição de novas retiradas. Visitou as unidades, palestrando para o máximo de oficiais e praças que foi possível, causando sempre boa impressão inclusive aos calejados comandantes australianos e neozelandeses.

ROMMEL ATACA NOVAMENTE - A BATALHA DE ALAM HALFA

Tipicamente, Rommel decidiu experimentar o novo comandante britânico sem demora, em uma última tentativa de atingir os campos petrolíferos antes da chegada de mais reforços aliados. Pelo final de agosto, ele havia concentrado 243 tanques italianos e 226 alemães (incluindo 27 dos novos Panzer IVF2, chamado então pelos ingleses de "Panzer IV Especial", devido ao seu canhão longo de 75 mm). Mas a sua situação de suprimentos continuava precária. As ações realizadas a partir de Malta fizeram com que, em julho, apenas 6.000 toneladas de suprimentos (de um mínimo de 30.000 toneladas que eram necessárias) chegassem às suas tropas. O seu Exército vivia dos suprimentos capturados aos britânicos nas batalhas precedentes e 85% de sua frota de caminhões era composta por veículos capturados ao inimigo.



Panzer III do Afrika Korps. À distância, um veículo em chamas.

No "outro lado da colina", o 8º Exército tinha então 767 tanques de todos os tipos, ótimo apoio aéreo e fartura de combustível e de todo tipo de suprimento.

A 30/08/42, ele subitamente atacou, no que seria chamado pelos alemães de "A Corrida dos Seis Dias", e dirigiu-se para a Crista de Alam Halfa, a Sudeste de El Alamein, com o 20º Corpo Motorizado italiano à esquerda e o Afrika Korps à direita. Desde o início, ataques aéreos e campos minados impuseram atrasos e logo o Afrika Korps

perdia dois generais: seu comandante, Tenente-General Walther Nehring, gravemente ferido por ataque aéreo, e o major-general G. von Bismarck, comandante da 21ª Divisão Panzer, morto por uma mina.

Montgomery estava pronto para dar uma calorosa recepção aos atacantes. Com o 30º Corpo à direita, o 13º Corpo à esquerda e a 7ª Divisão Blindada (Os "Ratos do Deserto") no flanco do deserto, ele manteve a Crista de Ruweisat e permitiu à sua ala esquerda recuar para posições previamente preparadas voltadas para o Sul, das quais a chave era a crista de Alam Halfa. Nela, a 44ª Divisão e a 22ª Brigada Blindada estavam entrincheiradas. Porém, a escolha da 22ª foi infeliz, pois ela estava equipada com tanques "Grant". Ora, o armamento principal do "Grant" ficava no seu costado e não na torre, de modo que, mesmo em posição de casco enterrado, a maior parte do tanque ficava exposta para que fosse possível utilizar o seu canhão de 75 mm. Como resultado, os tanques britânicos ficaram expostos e estáticos, o que explica as pesadas baixas que sofreram.



O tanque "Grant", cujas limitações do armamento principal prejudicaram a sua atuação em Alam Halfa.

Contudo, eles, mais a artilharia e os canhões antitanques de 6 libras, fizeram o seu papel e contra eles Rommel atirou-se em vão no dia 31/08/42. Fez nova tentativa no dia seguinte usando apenas a 15ª Panzer, mas com menos possibilidade ainda de êxito. Com seu combustível baixo, a 02/09/42 ele retirou-se para as posições de partida.

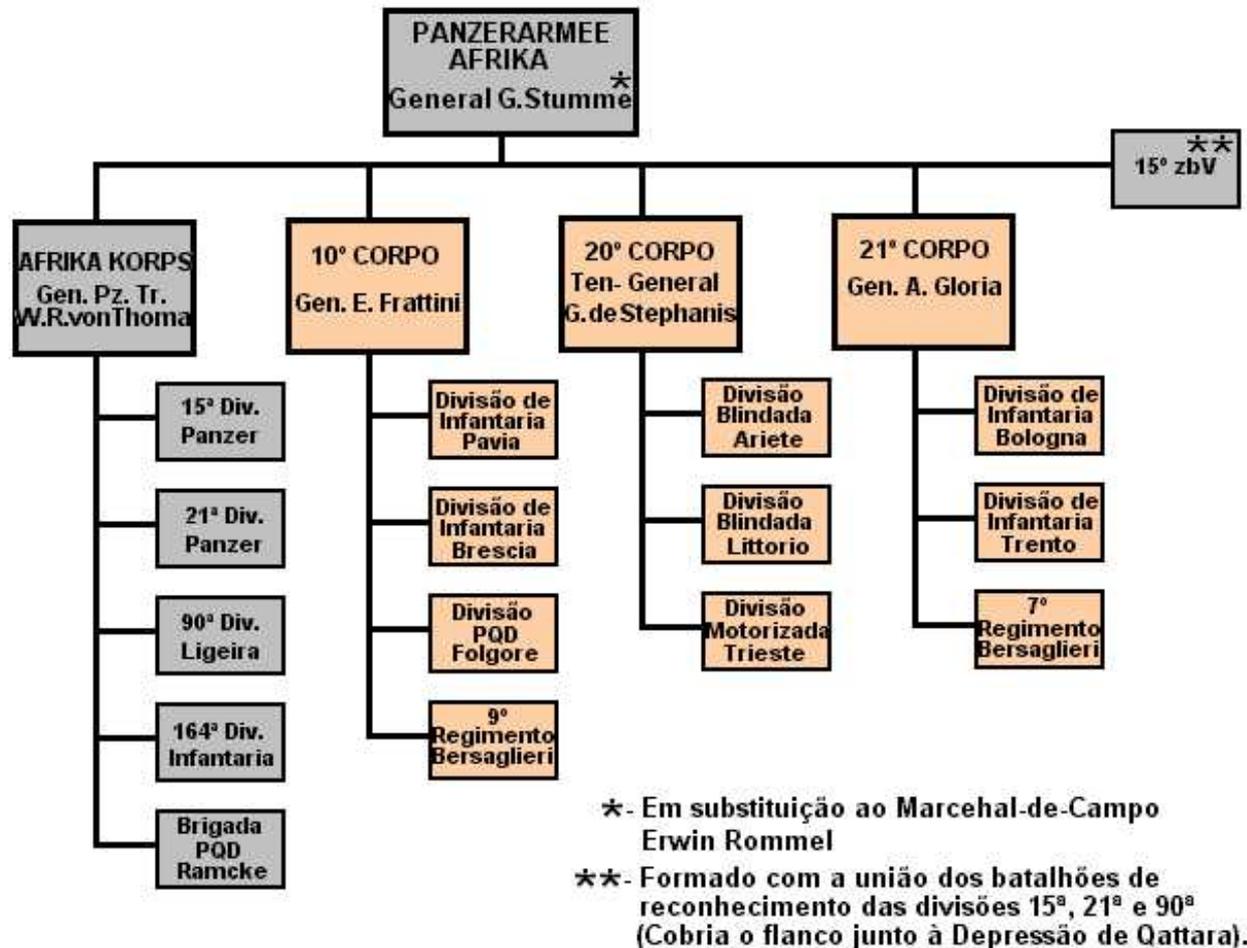
Montgomery não contra-atacou, recusando-se a se deixar atrair para um combate aberto que era a especialidade do Afrika Korps e não fez nenhuma tentativa séria de perseguição, simplesmente reocupando suas posições originais. Um tardio contra-ataque pelos neozelandeses, visando fechar a brecha por onde os alemães procuravam

recuar, foi rechaçado com pesadas baixas. Rommel havia perdido 49 tanques, 2.940 homens, 55 canhões e 395 veículos para 68 tanques, 18 canhões antitanques e 1.640 baixas aliadas.

Rommel então se estabeleceu defensivamente diante de El Alamein, reforçando sua posição, lançando novos campos minados e incluindo a 164ª Divisão de Infantaria alemã, antes de partir para a Alemanha por problemas de saúde, deixando o General Georg von Stumme, um veterano do front russo, no comando.

Na sua viagem de retorno à Alemanha, ele encontrou-se com Hitler e Mussolini, tentando desesperadamente convencê-los da importância do teatro africano, da necessidade de mais suprimentos e da ameaça de derrota iminente. Suas palavras foram simplesmente ignoradas.

Pelo meado de outubro, os alemães haviam construído uma linha de 72 quilômetros, com duas linhas de campos minados (meio milhão de minas foram instaladas, na maioria antitanques) e uma profundidade de 8 quilômetros. Esses campos foram convenientemente apelidados de "Jardins do Diabo", contendo ainda muitas armadilhas. As forças do Eixo estavam entrincheiradas ao longo de duas linhas, chamadas pelos aliados de "Linha Oxalic" e "Linha Pierson". Na costa, estavam a 90ª Divisão Ligeira e a 164ª Divisão de Infantaria, ambas alemãs. Ao Sul, estava o 21º Corpo italiano, reforçado com batalhões de pára-quedistas alemães. Mais ao Sul, estava o 10º Corpo italiano. Na retaguarda, mas perto da frente devido à falta de combustível, estava a reserva blindada, as veteranas 15ª e 21ª Divisões Panzer e o 20º Corpo Motorizado italiano (Divisões Blindadas Ariete e Littorio e a Motorizada Trieste), concentrados em dois grupos mistos. Para a próxima batalha, o "Panzerarmee Afrika" contava com 489 tanques, dos quais 278 eram italianos (mau armados e blindados) e apenas 30 eram Panzer IVF2 ("Especial"). Seu potencial humano totalizava 53.000 soldados alemães e 55.000 italianos. Ele possuía 522 canhões de campanha, mas apenas 24 dos temíveis canhões AT de 88 mm (todos prejudicados pela escassez de munição) e, no ar, o Eixo contava com 129 aviões alemães e 216 italianos, estes, na maioria, obsoletos.



Ordem de Batalha do Eixo

OPERAÇÃO LIGHTFOOT

Montgomery agora estava pronto. À direita, o 30º Corpo, com 5 divisões de infantaria (9ª australiana, 51ª escocesa, 1ª sul-africana, 2ª neozelandesa e 4ª indiana), se encarregaria do ataque principal. À esquerda, o 13º Corpo, com duas divisões de infantaria (44ª e 50ª) e uma Blindada (7ª), faria o ataque diversivo. Na retaguarda esperava o 10º Corpo, com duas Divisões Blindadas (1ª e 10ª), reforçadas com elementos da 8ª Divisão Blindada e da 44ª Divisão de Infantaria. Ao todo, 220.000 soldados, 1.351 tanques (incluindo 285 dos novos Shermans, 246 Grants e 421 Crusaders), 1.400 canhões antitanques (sendo 850 de 6 libras e 550 de 2 libras) e 884 canhões (sendo 52 canhões médios e 832 de campanha). A Força Aérea do Deserto (do Vice-Marechal do Ar Sir Arthur Tedder) contava com 880 aparelhos modernos (inclusive unidades norte-americanas), os quais haviam conseguido total supremacia aérea sobre o campo de batalha.

A superioridade material exigida por Montgomery havia sido conseguida. Apesar disso, ele demonstrou ansiedade a respeito da profundidade dos campos minados inimigos, observados durante um ataque de duas brigadas, executado a 30/09/42.

O plano de ataque de Montgomery, batizado "Operação Lightfoot*", era um primor de batalha "arrumada": esperava-se abrir dois corredores através dos campos minados do Eixo na extremidade Norte da linha, usando principalmente a sua excelente infantaria como ponta-de-lança. Seus blindados então passariam através desses corredores, ocupariam posições defensivas nas cristas do "Rim" e de Miteiriya e derrotariam os blindados alemães quando eles atacassem. Ataques subsidiários no Sul manteriam o restante das forças do Eixo impedidas de mover-se para o Norte. Feito isso, a infantaria se encarregaria de aniquilar as guarnições italianas ao Norte e ao Sul da penetração. Montgomery planejava uma batalha em três estágios: penetração, "dogfight" e ruptura e perseguição ao inimigo.

A "Operação Lightfoot" foi deliberadamente marcada para "Tocha menos 13" (13 dias antes da "Operação Tocha"), pois considerava-se que Rommel então estaria vencido e distante e não

poderia mais prejudicar de forma alguma aquela operação. A data de 23/10/42 foi mantida apesar de todas as demandas de Churchill em antecipá-la.



Ordem de batalha britânica

O ataque começou às 21:40 h do dia 23/10/42, com um pesado bombardeio de artilharia (592** canhões, sendo 456 só na frente do 30º Corpo) e o avanço dos grupos de engenharia (apoiados por tanques Scorpion, equipados com correntes para detonar minas) para abrir passagens livres nos campos minados.



Tanques Matilda "Scorpion", especialmente equipados para abrir brechas em campos minados.

Na primeira noite da batalha, a ofensiva no corredor Sul fez bom progresso, embora os sul-africanos ainda não tivessem atingido a crista de Miteirya ao amanhecer. Os neozelandeses, porém, capturaram-na, mas foram aí detidos. Atrás deles, todavia, a 10ª Divisão Blindada hesitou em avançar, tendo sido detida por mais campos minados. Mais ao Norte, os australianos e escoceses fizeram menos progresso contra pesada resistência (os escoceses sofreram cerca de 1.000 baixas só na primeira noite), sendo detidos a cerca de 5 quilômetros da "Linha Pierson" e a 1ª Divisão Blindada acabou engarrafada entre os dois campos minados. Os tanques assim parados eram excelente alvo para a artilharia inimiga.



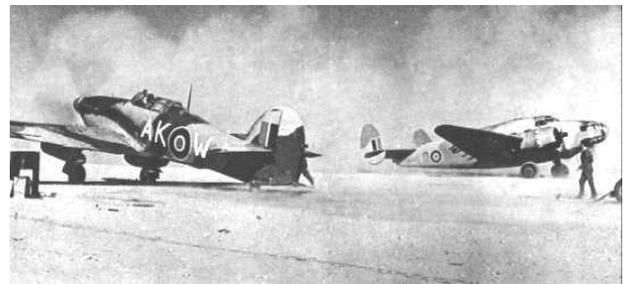
A artilharia teve papel preponderante em toda a batalha. Aqui temos uma peça de artilharia pesada de 5,5 polegadas, Mark III.

As comunicações alemãs haviam sido feitas em pedaços pelo bombardeio britânico e no Q.G. do Panzerarmee Afrika o caos havia se instalado, sem que ninguém pudesse descobrir o que estava acontecendo. Na manhã seguinte, o comandante alemão, General Stumme, decidiu ir até a frente para se inteirar da situação, mas seu carro se aproximou demais da primeira linha e foi alvejado pelos australianos; na tentativa da fuga, morreu de ataque cardíaco. Em seu lugar, o General

Ritter von Thoma assumiu o comando, enquanto Rommel voava para retornar à África, onde só chegou no dia seguinte.

Pelo meio da tarde do dia 24/10/42, o corredor Norte foi finalmente aberto num ataque conjunto da 1ª Blindada e da 51ª escocesa. Também nesse dia os sul-africanos atingiram afinal seus objetivos, enquanto os australianos terminavam algumas tarefas pendentes. À esquerda, porém, a 10ª Blindada continuou detida com os neozelandeses em Miteirya.

Durante o dia, a Força Aérea do Deserto realizou mais de 1.100 surtidas, bombardeando campos de aviação, concentrações de tropas, posições de artilharia e efetivamente impediu a aviação do Eixo de intervir na batalha.



A Força Aérea do Deserto teve supremacia aérea total durante toda a batalha. Aqui temos um Hurricane do 213º Esquadrão se preparando para decolar, ao lado de um Hudson do 405º Esquadrão.

Ao fim da tarde, as reservas blindadas do Eixo finalmente deram o ar da graça, aproveitando-se do efeito ofuscante causado pelo sol poente sobre os olhos dos tripulantes ingleses. A 15ª Divisão Panzer e a Littorio partiram para o ataque com cerca de 100 tanques. Foi o batismo de fogo do "Sherman", que revelou-se um adversário poderoso e inesperado: os atacantes recuaram deixando mais de 20 tanques ardendo no deserto.



O novo tanque do arsenal britânico: o M4A1 Sherman.

O fracasso da 10ª Blindada provocou uma crise no comando inglês, onde Montgomery ameaçou Lumsden e Gatehouse (comandante da divisão) de demissão se não cumprissem o estabelecido no plano. Mas, naquela noite, o avanço da divisão foi prejudicado por mais campos minados e um ataque aéreo inimigo, que incendiou vários caminhões de combustível, o que transformou a noite em dia e os tanques concentrados passaram a ser um alvo fácil. O comandante da 8ª Brigada Blindada pediu para se recuar, mas Montgomery convocou Lumsden e Leese naquela mesma noite e disse a eles simplesmente que a divisão podia atravessar e atravessaria! Não haveria mais nenhuma discussão. O ataque prosseguiu, tendo a brigada sofrido pesadas baixas. Contudo, a 24ª Brigada, à sua direita, não tivera os mesmos problemas e atravessara conforme o planejado, enquanto a 9ª Brigada, à esquerda, apoiando os neozelandeses, conseguira alargar a penetração. Com isso, a primeira fase do plano havia sido concluída, embora com 24 horas de atraso.

Ao chegar, Rommel encontrou a operação aliada fazendo pouco progresso no Norte e paralisada no Sul, onde as divisões 44ª e 7ª Blindada haviam sido rechaçadas e suspenderam seus ataques. Ele decidiu que a única coisa a fazer era contra-atacar e expulsar os britânicos das posições conquistadas.

Falar é uma coisa, fazer é outra. Os contra-ataques alemães prosseguiram, sem qualquer resultado além o de sofrer mais baixas. Ao fim do dia, a 15ª Divisão Panzer estava reduzida a 31 tanques (embora muitos tanques danificados fossem logo recuperados). Montgomery decidiu então concentrar-se no ombro Norte, onde a 9ª australiana mudaria seu eixo de ataque naquela noite para Noroeste, em direção à costa. O ataque pegou os alemães completamente de surpresa, pois os australianos subiram a Cota 29 montados em Bren Carriers e assaltaram a posição à baioneta calada, num feroz combate corpo-a-corpo, matando 300 e fazendo mais de 200 prisioneiros. À sua esquerda, a 51ª escocesa e a 1ª Blindada procuraram avançar na direção do "Rim", mas não tiveram qualquer êxito, enquanto neozelandeses e sul-africanos faziam progressos limitados destinados apenas a melhorar as suas posições.

Montgomery sentiu que a ofensiva estava perdendo impulso e então decidiu reagrupar-se. Era óbvio que os alemães não se imolariam indefinidamente contra a sua cortina blindada, bem como agora eram eles que estavam montando a sua própria cortina de minas, tanques e canhões, impedindo que a penetração se transformasse numa ruptura. Além disso, as baixas na infantaria já chegavam às 6.000 e era preciso poupar neo-

zelandeses e sul-africanos, que tinham escassez de reposições. A 26/10/42, ele ordenou uma pausa para reajustar seu dispositivo. A divisão neozelandesa e a 1ª Blindada saíram de linha para descanso e a 7ª Blindada seria transferida do Sul. Nesse mesmo dia, novos ataques pela 15ª Panzer e Littorio foram mais uma vez rechaçados com pesadas baixas, o que fez Rommel se decidir por trazer a 21ª Panzer, a 90ª Ligeira e a Ariete para a batalha. Essa decisão foi verdadeiramente crítica, pois não havia gasolina suficiente para elas retornarem para o Sul se houvesse necessidade disso.

Durante a noite de 26 para 27, a 1ª Blindada conquistou a Crista de Kidney ("Rim"), onde a sua infantaria se estabeleceu com canhões antitanques, enquanto os tanques se preparavam para explorar a brecha. Porém, o amanhecer revelou que eles estavam diante de concentrações de tanques italianos e alemães. Era o reagrupamento ordenado por Rommel. Logo, o veterano Afrika Korps e o 20º Corpo Motorizado italiano iniciaram o grande contra-ataque com todos os seus blindados contra a Crista do "Rim".

A batalha que se seguiu foi particularmente furiosa. Só a 133ª Brigada de Infantaria britânica destruiu 37 blindados inimigos, o que valeu ao comandante da brigada uma "Victoria Cross". Os alemães nada conseguiram, além de impedir os aliados de avançar mais.



Canhão antitanque de 6 libras, sob fogo. Essas peças foram responsáveis pela maioria das perdas de tanques do Eixo.

No dia 28, a 1ª Divisão Blindada saiu de linha e a 24ª Brigada (originalmente pertencente à 8ª Divisão Blindada) foi dissolvida para prover reposições para as demais. Nessa mesma noite, os australianos retomaram o avanço para o Norte, em parte para tentar cercar os alemães no salien-

te junto à costa, em parte para atrair a atenção do inimigo, enquanto o reagrupamento se efetuava.

O ataque australiano foi novamente bem-sucedido, o que fez com que Rommel concluísse ser ali que Montgomery efetuaria o ataque principal de ruptura da linha. Tendo isso em mente, deslocou a 90ª Ligeira para a costa, enquanto ordenava novos contra-ataques pela 21ª Panzer contra o saliente australiano.

Apesar de tudo isso, pelo dia 29 a linha do Eixo ainda estava miraculosamente indene, embora lhe restassem então apenas 81 tanques. Na Inglaterra, Churchill cabografava ansiosamente em busca de novidades, agora que a "Tocha" era iminente. A notícia de que algumas unidades haviam sido retiradas de linha causou estupor, pois dava a impressão de que o ataque fracassara. O Chefe do estado-maior Imperial, General Sir Alan Brooke, teve que tentar tranquilizar o Gabinete Britânico, declarando que Montgomery venceria, por mais que demorasse (embora no mesmo dia ele registrasse no seu diário o receio de "Monty" ser derrotado). Enquanto isso, a situação do Panzerarmee piorava a cada dia, com o afundamento de mais um petroleiro ao largo de Tobruk.

Os movimentos alemães rumo ao Norte foram identificados pelos ingleses, o que fez com que concluíssem não haver mais alemães ao Sul. Monty então mudou seus planos para a nova ofensiva, mudando a direção do esforço principal mais para o Sul, na junção entre os alemães e italianos. A mudança acarretou em mais um dia de atraso, o que fez com que ele ordenasse aos australianos que atacassem de novo, o que fizeram com sucesso, apesar de estarem dizimados e esgotados (ao fim da batalha, um dos seus batalhões estava reduzido a apenas 1 oficial e 84 soldados). Na noite de 30-31/10/42, os australianos capturaram o Posto Thompson, praticamente cercando dois batalhões alemães. Mais uma vez, Rommel ordenou um contra-ataque pela 90ª Ligeira e 21ª Panzer contra o saliente australiano, buscando socorrer as unidades que haviam sido cercadas. Após pesadas baixas para ambos os lados, os batalhões alemães cercados foram resgatados.

OPERAÇÃO SUPERCHARGE - TUDO OU NADA

A nova ofensiva aliada deu-se próximo à costa, visando inicialmente capturar a Trilha de Rahman e então tomar o terreno elevado de Tel el Aqqaqir. O plano previa uma ruptura pelo 30º Corpo, permitindo ao 10º Corpo atacar para o Noroeste para atrair e derrotar os Panzers de Rommel. A ponta-de-lança seria a 2ª Divisão neozelandesa,

reforçada por uma brigada da 50ª e outra da 51ª, além da 9ª Brigada Blindada. O ataque começou à 1:05 h de 02/11/42, com o apoio de Valentines da 23ª Brigada, e se abateu sobre o 200º Regimento de Infantaria e a 15ª Divisão Panzer, rompendo ambas as posições (de fato, temos aqui um equívoco do planejamento, pois o objetivo era atacar os italianos). Por volta das 5:30 h, o comandante da operação, o General neozelandês Freyberg, anunciou a conquista dos objetivos previstos, lançando então a 9ª Brigada Blindada diretamente contra Tell el Aqqaqir. A Brigada estava anexada à 2ª Divisão Neozelandesa desde o início da batalha, mas estava descansada e reequipada, contando então 121 tanques (entre Shermans, Grants e Crusaders). Ela recebeu ordens de tomar Tell el Aqqaqir a qualquer preço (aceitava-se 100% de baixas!). No processo, a brigada perdeu 87 tanques, mas conseguiu romper a linha de Rahman, destruindo 35 canhões AT alemães. A 1ª Divisão Blindada veio atrás procurando explorar a brecha criada com tanto sacrifício pela 9ª Brigada, mas o costureiro contra-ataque inimigo não tardou, utilizando as últimas reservas das depauperadas divisões Panzer, conseguindo conter a penetração britânica mais uma vez, no maior combate tanque x tanque de toda a batalha. Porém, as divisões italianas Littorio e Trieste já estavam em processo de desintegração, com partes delas já debandando para o Oeste. Apesar de ter conseguido deter o avanço britânico, Rommel, que estava quase sem combustível, sabia que permanecer onde estava só poderia resultar no aniquilamento do Afrika Korps. Ele então decidiu recuar, mas uma ordem de Hitler chegada no dia 3 o exortou a resistir até a "Vitória ou a Morte". A retirada foi temporariamente cancelada e as unidades que já haviam desengajado tiveram que voltar para a linha de frente (nesse dia, Rommel tinha apenas 35 tanques operacionais), o que serviu apenas para aumentar o desgaste do Afrika Korps.

No dia 03/11/42, a 51ª Divisão iniciou um ataque de exploração para Sudoeste do novo saliente e fez um avanço surpreendente, sem perdas e capturando 150 prisioneiros.



O fim: blindados do Eixo destruídos e abandonados no deserto. No primeiro plano, um Panzer IVF2, que os britânicos então chamavam de Panzer IV "Especial".

Era o primeiro sinal da derrota do Panzerarmee. A linha do Eixo estava entrando em colapso, com três grandes grupos de forças separados entre si: um grupo, no Passo de Fuka, constituído por elementos da 90ª Ligeira e alguns italianos, mantinham uma posição de retaguarda, para proteger a retirada que não houve; na frente original, milhares de soldados italianos estavam sem transporte e sem ordens, enquanto os restos da 164ª Divisão e da Brigada pára-queda Ramcke tentavam recuar para unir-se ao Afrika Korps; a Oeste da trilha de Rahman, o que restara do Afrika Korps e da Ariete esperavam estoicamente o assalto final dos britânicos, certos de que seriam esmagados. Mas os britânicos não vieram, em parte devido às perdas sofridas, em parte pela necessidade de reorganização das unidades e das linhas de abastecimento, após dez dias de combate ininterrupto.

Porém, na manhã do dia 4, a 51ª Divisão, reforçada por uma brigada da 4ª Divisão Indiana, conseguiu romper a linha de Rahman. Os tanques do 10º Corpo, agora englobando as 1ª, 7ª e 10ª Divisões Blindadas, romperam a frente do 21º Corpo italiano e travaram violento combate com os remanescentes da Ariete, virtualmente cercado e eliminando essa divisão. O Afrika Korps, que havia recuado para Tell el Mampsra, também não resistiu à investida dos tanques inimigos e uma brecha foi aberta. Por fim, Rommel ordenou a retirada geral às 15:30 h do mesmo dia (ironicamente, Hitler autorizou a retirada na manhã seguinte). A Rommel restavam então cerca de 40 tanques, todos em péssimas condições, cerca de 1.000 soldados de infantaria e pouco mais de 20 canhões (nenhum 88 mm). No dia 5, a 21ª Divisão Panzer foi forçada, por falta de combustível, a travar combate com a 7ª Divisão Blindada britânica, perdendo todos os canhões e 26 dos 30 tanques que lhe restavam.



Tanques Crusader começam a perseguir o derrotado Afrika Korps.

Pelo dia 6, todas as forças do Eixo estavam em franca retirada, embora milhares de italianos hou-

vessem sido abandonados sem transporte no deserto e caíram prisioneiros (mais de 30.000 soldados, dois terços deles italianos, acabaram prisioneiros - assim como nove generais, incluindo o General von Thoma, comandante do Afrika Korps). No dia 7, blindados britânicos executaram uma grande operação de cerco sobre Mersa Matruh, mas acabaram fechando um bolsão vazio: os alemães já haviam se retirado. Nesse dia, para ajudar os fugitivos, caiu um aguaceiro que prejudicou mais ainda a já confusa perseguição. Na estrada asfaltada, os retirantes podiam se retirar normalmente, enquanto os tanques ingleses atolavam nas areias transformadas em pântanos.

No dia 08/11/42, foi lançada a "Operação Tocha", ocupando rapidamente o Marrocos e Argélia. Rommel é avisado, percebe imediatamente que a África está perdida e começa a solicitar a evacuação de seu exército.

Combatendo ferozes ações de retaguarda usando a 90ª Divisão Ligeira, Rommel foi levado a recuar sob pressão através de Tobruk a 13/11/42 e por Msus a 17/11/42. Os britânicos entraram em Bengazi a 20/11/42 e Montgomery deteve-se para uma pausa diante de El Agheila, onde Rommel fez uma parada em sua retirada. A 11/12/42, Rommel reiniciou a marcha para Oeste, evitando assim um ataque de Montgomery, que bombardeou posições vazias no dia 13. A 23/01/43, os britânicos entraram em Trípoli, enquanto Rommel entrava na Tunísia e tomava posição na Linha Mareth. A Campanha do Deserto Ocidental estava encerrada; começava a Campanha da Tunísia.

VITÓRIA, ANÁLISE E CONSEQÜÊNCIAS.

O vitorioso 8º Exército havia sofrido 13.560 baixas (sendo 4.610 mortos e desaparecidos) e perdido 500 tanques (150 deles irremediavelmente destruídos), além de 100 canhões, mas havia infligido 59.000 baixas ao inimigo, além de 454 tanques e 1.000 canhões destruídos ou capturados. No ar, a RAF havia perdido 97 aparelhos (incluindo 20 americanos), computando 84 perdas de aeronaves do inimigo. Esta havia sido uma batalha de atrito, onde a vantagem numérica havia pesado no final. Essa batalha foi o grande triunfo de Montgomery, que recebeu o título de "Lorde Montgomery, Visconde de Alamein". Apesar disso, alguns autores tendem a ver na conduta de Montgomery muito mais motivos de crítica que de elogios.

A começar por Alam Halfa, onde, alega-se, um maciço contra-ataque de seus blindados, no momento em que o inimigo estava detido diante da crista, poderia ter liquidado o Afrika Korps em questão de horas, talvez tornando desnecessária a 2ª Batalha de El Alamein. Essa alegação sem

dúvida procede, pois o próprio Rommel considerou um "milagre" o fato dele ter conseguido retornar às suas linhas. Mas esse julgamento é típico de uma análise postfacto. Montgomery havia acabado de assumir o comando de um exército que podia ser dividido em dois grupos: veteranos resmungões, que até então sempre haviam sido derrotados por Rommel, não importando quão fraco ele estivesse ou tão forte eles fossem, e o grupo dos novatos, que precisavam treinar muito antes de serem postos à prova nas rudes condições do deserto. Era natural que "Monty" não confiasse inteiramente em nenhum dos dois e preferisse deixar a destruição do Afrika Korps para a RAF, mantendo as suas forças bem longe do campo de batalha, permitindo à aviação atacar o inimigo sem o receio de atingir forças amigas. Também afirma-se que "Monty" "apropriou-se" do plano de batalha de Alam Halfa, que de fato havia sido elaborado pelos seus predecessores. Porém, se os alemães tivessem vencido a batalha, ninguém lembraria disso e o responsável pela derrota seria o comandante na ocasião, ou seja, Montgomery.

O fato é que Montgomery, desde o início, assumiu uma postura de considerar mais importante "não perder" que realmente "ganhar" uma batalha. Essa característica o acompanhou em toda a sua carreira, levando-o a ter uma justificada reputação de supercauteloso.

Para a grande batalha, Montgomery decidiu concentrar seus blindados no 10º Corpo, que permaneceu sob o comando de um veterano do deserto, o General Lumsden (apesar das críticas feitas a "Monty" de que ele só colocava seus "pupilos" nos postos importantes). Essa decisão foi digna de críticas, pois, ao fazer isso, ele teria acabado com a integração infantaria-blindados e teria reduzido a liberdade de ação de seus comandantes de tanques. Isso também não se sustenta pelos fatos friamente analisados, pois todas as quatro divisões do 30º Corpo empenhadas no ataque principal tinham apoio blindado (a 2ª neozelandesa contava com a 9ª Brigada Blindada e as demais tinham um regimento de tanques cada). Na verdade, o que ele fez com o 10º Corpo foi simplesmente uma cópia do próprio Afrika Korps, que sempre usava as 15ª e 21ª Divisões Panzer juntas - o que estava dando certo.

Além de tudo, e apesar da fama de inflexibilidade e falta de imaginação que Montgomery tinha, ele teve a capacidade para perceber que a "Lightfoot" havia fracassado e criou a "Supercharge" (se formos comparar isso com os atos dos comandantes da 1ª Guerra Mundial, que não mudavam seus planos não importando o banho de sangue que eles provocavam, só isso já é digno dos maiores elogios).

Por fim, durante a perseguição final, a mesma falta de confiança em seus subordinados e o eterno receio de sofrer baixas desnecessárias fizeram com que ele impedisse seus comandantes de blindados de avançar contra os restos do Afrika Korps como cães de caça. O fato é que a batalha estava ganha, o Egito definitivamente salvo e, como ele bem sabia, haveria uma grande operação de desembarque, a "Operação Tocha", que seria lançada contra a costa Norte-africana, tornando a posição do Eixo na África do Norte totalmente insustentável e, portanto, acabar com os alemães em Fuka, Tobruk ou Trípoli não fazia diferença. Para "Monty", seria melhor "terminar o serviço" em uma nova "batalha arrumada", ao seu estilo, ao invés de sair correndo e atirando para todos os lados, numa ação que ele teria dificuldades em controlar.

Em suma, parece que a personalidade grosseira e repulsiva de "Monty" é que pode ser a raiz de tantas críticas que o perseguem até hoje. Ele não confiava em praticamente ninguém, não admitia discutir ordens e muito menos admitir erros. Ego-cêntrico, mesquinho, metódico e antipático, não é à toa que os militares e os correspondentes de guerra contemporâneos a ele não lhe poupassem adjetivos desagradáveis. Mas o fato é que "Monty" encarnou a "virada de mesa" britânica na 2ª Guerra Mundial. Como Churchill disse: "antes de Alamein, não tivemos nenhuma vitória; após Alamein, não tivemos nenhuma derrota". Foi em El Alamein e, depois, em Stalingrado, que Hitler começou a perder a guerra.

Na Inglaterra, o próprio Churchill soube bem aproveitar o momento. Mandou que todos os sinos de todas as igrejas tocassem pela primeira vez desde que começou a guerra. Para o povo inglês, era um sinal de que o pior já passara e que a estrada doravante levaria a uma inevitável vitória. Para os britânicos, em particular, é de se destacar que foi a sua única grande vitória contra os alemães sem considerável participação americana.

Do outro lado, as reações dos líderes do Eixo foram de um contra-senso inigualável. Longe de reconhecer seus erros estratégicos, escolheram os soldados do Afrika Korps como "bodes expiatórios", acusando-os abertamente de covardia. O próprio Rommel sofreu diversas injúrias, inclusive da parte de Hermann Goering, quando retornou à Alemanha após a retirada. Já então era óbvio de que havia sido considerado culpado pela derrota, apesar de tantos avisos que dera, mas nada se fez contra ele, em função do grande valor de sua figura pública. Acabou recebendo ordens de deixar a África, novamente por problemas de saúde, após uma última e inútil vitória, dessa vez sobre os americanos, em Kasserine.

Mas os erros estratégicos tiveram vários responsáveis. O próprio Rommel solicitou o adiamento da invasão de Malta, achando que poderia conquistar o Egito apesar daquele teimoso bastião que destruía a sua própria linha de comunicações. Seu senso de oportunismo, sempre louvado, foi de fato a sua perdição, pois ao manter a posse de Malta, os britânicos puderam enviar os aviões e submarinos que afundavam os petroleiros que transportavam a gasolina de que ele tanto precisava. Seus ataques na 1ª Batalha de El Alamein e, mais tarde, em Alam Halfa, foram muito mais ditados pelo instinto do jogador oportunista que de um estrategista e acabaram se revelando de fato como atos desesperados. Sua conduta e seu planejamento defensivo na 2ª Batalha de El Alamein foram, sem dúvida, soberbos, apesar de ter feito o jogo de Montgomery em mais de uma ocasião. Mas nenhum general teria mais chances de vencer aquela batalha que ele. Ele conhecia muito bem o inimigo, seus meios (apesar da novidade do "Sherman") e a sua superioridade aérea. Por outro lado, na realidade, El Alamein representou um marco final na estrada até então vitoriosa das potências do Eixo, pois uma vitória alemã aqui apenas retardaria a derrota final mais tarde. Com a entrada maciça dos americanos na guerra e o sucesso da "Tocha", a posição de Rommel seria insustentável de qualquer jeito. Na melhor das hipóteses, ele continuaria mantendo uma posição no meio do deserto, enquanto os verdadeiros objetivos continuariam lhe sendo negados pelo poderio sempre crescente dos aliados. Em suma, teria sido uma vitória inútil.

Em Berlim e Roma, todos estavam bem cientes de que a perda da África do Norte equivalia a escancarar a porta da Itália à invasão aliada. Hitler e Mussolini de repente despertaram de um sonho de glórias para um pesadelo estratégico. Decidiram mandar importantes reforços para a Tunísia - uma fração dos quais certamente teria bastado para Rommel conquistar o Egito, mas que agora não serviam para nada! Com o Q.G. do novo 5º Exército Panzer, do Coronel-General Juergen von Arnim, chegaram a 10ª Divisão Panzer, a Divisão Motorizada Hermann Goering, a Divisão Blindada italiana Centauro, unidades de pára-quedistas, infantaria alemã e italiana e dois batalhões dos novos tanques "Tigre".

Isto não passava de um descalabro estratégico, já que a África do Norte estava obviamente perdida e a frente russa desmoronando. Em maio de 1943, todo o "Grupo-de-Exércitos África" (mais de 250.000 homens) tornou-se prisioneiro de guerra, incluindo os sobreviventes do Afrika Korps. Com isso, perdiam-se tropas de excelente qualidade, que fariam muita falta na defesa da Sicília e da própria Itália.

Concluindo, El Alamein é uma síntese e um prefácio do restante da 2ª Guerra Mundial: superabundância material aliada, escassez de meios para o Eixo, superioridade aérea aliada cada vez maior, fracasso total das potências do Eixo em estabelecer planos estratégicos realistas ou mesmo coerentes e, no final, a culpa pela derrota recaindo nos soldados que haviam sacrificado suas vidas por uma causa que não os merecia.



Gigantesco campo de prisioneiros do Eixo na África do Norte, resultado inevitável de um imenso erro estratégico.

NOTAS:

* - A escolha do nome "Pé Leve" para essa operação parece provir do fato de que os soldados teriam que lutar em campos minados, o que não deixa de ser uma demonstração de humor negro da parte de "Monty".

** - Ainda hoje se encontram fontes que falam de 900 e até 1.000 canhões, o que é incorreto.